

3:3 NO HANDEBOL MEDIANTE O JOGO DO PIVÔ

Rafael Pombo Menezes, Universidade de São Paulo – USP, Ribeirão Preto, São Paulo - Brasil

Vitor Doronco Freire, Universidade estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, São Paulo - Brasil

Leonardo Cordeiro Boff, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Rio Claro, São Paulo - Brasil

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi apresentar as características do sistema defensivo 3:3 diante da variabilidade do cenário técnico-tático do jogo imposta pelos pivôs adversários. Foram consideradas duas situações: os bloqueios e as circulações do pivô, ambos na segunda linha defensiva. Sendo assim, ambas as situações foram analisadas de forma a apresentar as vulnerabilidades defensivas a partir dos objetivos dos atacantes. De forma a apontar possibilidades para o processo de ensino-aprendizagem-treinamento, são descritas propostas de atividades que visam a intervenção nesse processo, baseando-se em três métodos de ensino dos esportes coletivos: o analítico-sintético, o global-funcional e o situacional. Com a variabilidade de estímulos e alternativas provenientes dessas possibilidades, o objetivo é o de aumentar o repertório de soluções para as situações-problema apresentadas.

Palavras-Chave: Pedagogia do esporte; Esportes coletivos; Handebol; Tática defensiva.

PEDAGOGICAL POSSIBILITIES FOR 3:3 DEFENSIVE SYSTEM IN HANDBALL FRONT THE PIVOT ACTIONS

ABSTRACT

The aim of this work is to present the defensive system 3:3 characteristics front of the variability of the technical-tactical scenario imposed by opponent pivot. Were considered two situations: the pivot block and the pivot circulation, both in the second defensive line. Thus, both situations are analyzed to show the defensive vulnerabilities front of the offensive game. Were described, to help in the teaching-learning-training, different activities based on three methods of teaching team sports: analytic-synthetic, global-functional and situational. Faced with different and varied stimuli, the objective is to increase the solutions repertoire to solve the presented situations.

Key-Words: Sport pedagogy; Team sports; Handball; Defensive tactic.

POSIBILIDADES PEDAGÓGICAS PARA EL SISTEMA DEFENSIVO 3:3 EN BALONMANO DIANTE DEL JUEGO DEL PIVOTE

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es presentar las características del sistema defensivo 3:3 mediante la variabilidad de escenario técnico-táctico de juego impuesto por los pivotes adversarios. Se consideraron dos situaciones: los bloques y las circulaciones del pivote, en la segunda línea defensiva. Por lo tanto, se analizaron dos situaciones con el fin de presentar las vulnerabilidades defensivas frente a los objetivos de los atacantes. Para señalar las oportunidades de las propuestas de enseñanza-aprendizaje de formación, fueron presentadas actividades para la intervención en este proceso, sobre la base de tres métodos de enseñanza de los deportes de equipo: analítica-sintética, global-funcional y situacional. Con la variabilidad de estímulos a partir de estas posibilidades y alternativas, el objetivo es aumentar el repertorio de soluciones a las situaciones presentadas.

Palabras-Clave: Pedagogía del deporte; Deportes de equipo; Balonmano; Táctica defensiva.

INTRODUÇÃO

O handebol, assim como os demais jogos esportivos coletivos (JEC), é marcado pela presença de duas relações de extrema importância: a oposição e a cooperação.¹ A relação de cooperação consiste no desenvolvimento dos elementos técnicos e táticos por jogadores da mesma equipe, em qualquer fase do jogo (defensiva, ofensiva e transições). Já a relação de oposição é apresentada quando do embate entre adversários, na tentativa de obtenção de êxito para a respectiva equipe.

O confronto simultâneo das relações de oposição e cooperação denota ao handebol um caráter dinâmico e complexo, nos quais os deslocamentos simultâneos dos jogadores em diferentes regiões da quadra confere a variedade de possibilidades de desenvolvimento de elementos táticos (individuais e coletivos).² Entende-se, portanto, que a característica de invasão da modalidade (que possibilita a ocupação dos espaços da quadra adversária) seja um fator preponderante para o embate entre as equipes, centrado na busca de ocupação dos melhores espaços da quadra por atacantes e defensores.

No cenário complexo apresentado pelo handebol, os atacantes (em posse da bola) possuem como objetivo anotar seus gols, principalmente a partir dos desequilíbrios defensivos e, ainda, da busca pela superioridade numérica momentânea. Diante do desenvolvimento do jogo ofensivo, no qual os atacantes utilizam diferentes elementos técnicos e táticos, os defensores constituem suas ações baseando-se em três princípios operacionais defensivos, propostos por Bayer,³ a saber: recuperar a posse da bola, impedir a progressão do adversário e impedir a finalização (ou defender o alvo). Com interesses simultâneos e conflitantes, os atacantes apresentam uma aparente vantagem de, ao possuírem a bola, conseguirem um planejamento prévio de suas ações. Ao mesmo tempo, os defensores posicionam-se em um sistema no qual, a partir da utilização de elementos táticos individuais e coletivos, buscam diminuir as possibilidades do jogo ofensivo, antecipando prováveis comportamentos ofensivos.

Desta forma, o jogo defensivo é estruturado a partir de um sistema, que corresponde à estruturação funcional coletiva dos defensores (ou atacantes) na quadra de jogo.⁴ O sistema de jogo é definido a partir das características individuais dos defensores, considerando as variáveis antropométricas, de capacidades físicas e de compreensão do cenário do jogo. Outros fatores influenciam a definição (e ajuste durante o jogo) do sistema, tais como as

características dos atacantes adversários, tanto individuais como em relação ao sistema ofensivo adotado.⁵

Um conceito é especificamente importante quando o tema central é o sistema defensivo, que corresponde às “linhas de jogo”, que se baseiam na distribuição dos jogadores na quadra e são classificadas de acordo com as distâncias em relação às balizas.⁴ Sendo assim, quando consideramos os sistemas defensivos, a primeira linha é composta pelos defensores mais próximos à baliza a ser defendida, a segunda linha com os defensores mais distantes dessa baliza e a terceira linha, observada formalmente apenas no sistema 3:2:1, ainda mais distante⁵. Nesta pesquisa, cuja investigação se inclina sobre o sistema defensivo 3:3, faremos alusão à primeira e à segunda linhas defensivas, compostas por três jogadores cada.

A região ocupada por cada defensor e cada atacante na quadra de jogo é denominada “posto específico”^{4, 6} e cada posto deve ser dominado pelo jogador para aumentar sua eficácia e a da equipe,⁶ diante das diferentes situações-problema que são apresentadas. O pivô, posto específico ofensivo particularmente estudado nesta pesquisa, se posiciona entre os defensores e possui orientação diferente dos demais atacantes na quadra (geralmente de lado ou de costas para o gol adversário).⁵ Trata-se de um posto específico no qual é necessário possuir boa capacidade de atuação sem a posse da bola (para criar linha de recepção da bola, dificultar os deslocamentos dos defensores e criar possibilidades para os demais jogadores) e com a posse da bola (atuando em profundidade, atraindo defensores e dando continuidade ao jogo ofensivo).^{5, 7}

Dentro dessa perspectiva de interação entre atacantes e defensores, e considerando as relações entre as linhas defensivas e o pivô, é importante que os defensores apresentem uma boa compreensão do cenário técnico-tático configurado pelos atacantes. As situações-problema exigem dos defensores e dos atacantes o desenvolvimento de algumas capacidades fundamentais para a atuação inteligente e contextualizada no jogo,⁸ como a percepção, a antecipação e a tomada de decisão. Porém, para que os jogadores desenvolvam essas capacidades se faz necessário um processo de ensino-aprendizagem-treinamento (EAT)⁹ com estímulos variados e que confronte com a realidade do jogo.

Diante da problemática em questão, o objetivo deste estudo é apresentar as variações do sistema defensivo 3:3 no handebol diante de diferentes ações do pivô, assim como apontar alternativas para o processo de EAT desse sistema defensivo.

CARACTERIZAÇÃO DO SISTEMA DEFENSIVO 3:3

O sistema defensivo 3:3 é classificado como um sistema zonal aberto,¹⁰ no qual os jogadores são distribuídos em duas linhas defensivas: a primeira (próxima à meta a ser defendida, ou à linha da própria área) e a segunda (mais distante em relação à meta defendida). Dessa forma, a configuração da defesa 3:3 se dá com a distribuição dos jogadores em três postos específicos na primeira linha defensiva e três postos específicos na segunda linha defensiva (mais avançados), conforme apresentado na Figura 1.

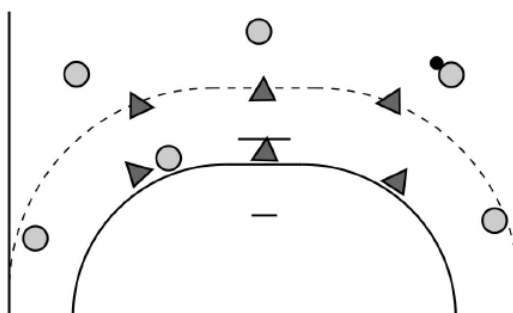


Figura 1: Sistema defensivo 3:3.

Simões¹¹ aponta que há uma boa definição dos movimentos defensivos, pois os defensores da primeira linha defensiva não avançam para a segunda linha, tendo os deslocamentos laterais como mais característicos. No sistema defensivo 3:3 há ainda a possibilidade de ajudas entre os jogadores, principalmente relacionadas à cobertura dos defensores da segunda linha pelos defensores da primeira linha. A presença de outros elementos táticos defensivos também é evidente quando aludimos à marcação, aos contrabloqueios, à dissuasão e à flutuação⁵. Apontamos, então, que não há um trabalho isolado dos defensores da primeira linha em relação aos defensores da segunda linha, sendo necessária a colaboração (ajuda mútua) entre esses para que o sistema seja eficaz.

Apresentam-se como características gerais do sistema defensivo 3:3 o ganho em profundidade e a perda em largura, quando comparado ao sistema defensivo 6:0, no qual os seis jogadores constituem apenas uma linha defensiva. A distribuição dos jogadores em duas linhas defensivas confere importantes propriedades a esse sistema, das quais podemos apresentar

como vantagens o fato de aumentar as distâncias dos armadores em relação ao alvo, o aumento da proteção em relação aos arremessos de longas distâncias e a constante pressão sobre os armadores adversários.^{5, 12} Algumas desvantagens também podem ser apontadas, como a maior vulnerabilidade nas laterais da quadra (que favorece o jogo com os pontas) e a produção de espaços entre a primeira e segunda linhas defensivas.¹²

AS AÇÕES DO PIVÔ E AS RESPOSTAS DO SISTEMA DEFENSIVO 3:3

A região ocupada pelo pivô diante de defesas abertas (como o 3:3) passa a ser uma zona de conflito, principalmente pela disputa por esse espaço entre atacantes e defensores, o que confere a essa região uma característica de instabilidade. Frente a esse espaço instável e de constantes disputas, ao posto específico do pivô é conferida a responsabilidade de transformá-lo em um espaço vantajoso para os atacantes, exigindo daquele uma participação ativa e dinâmica nas ações do jogo.

Diante dessa perspectiva, serão apresentadas duas situações e discutidas as possíveis soluções dos defensores para minimizar a produção de espaços e, ainda, dificultar a criação de superioridade numérica ofensiva. As duas situações apresentadas serão: o bloqueio ofensivo (efetuado pelo pivô) e a circulação do pivô, ambos realizados na segunda linha defensiva.

Bloqueio nos jogadores da segunda linha defensiva:

Antón García⁶ aponta que o bloqueio ofensivo é realizado por um atacante que visa a restrição da liberdade de movimento do defensor através de uma obstrução física com o próprio corpo, de forma a neutralizar suas ações e buscar uma situação de superioridade numérica. Ao executar o bloqueio, a tendência é que um dos atacantes (preferencialmente o armador em posse da bola) seja beneficiado pela situação de superioridade numérica momentânea, seja por proporcionar um arremesso ou mesmo uma combinação entre o pivô e o armador em posse de bola.

Diante do sistema defensivo 3:3, a tendência é que os pivôs realizem os bloqueios na segunda linha defensiva, pela proximidade entre os atacantes e seus respectivos marcadores diretos, de modo que os armadores aproveitem os amplos espaços produzidos. O bloqueio na segunda linha defensiva é justificado, ainda, por se tratar de uma região da quadra mais atrativa para os atacantes, do ponto de vista das possibilidades de soluções para as situações, pelas

velocidades com as quais essas possam se apresentar e pelas melhores condições para os arremessos.

Durante a ação de bloqueio os defensores poderão apresentar possíveis soluções, tais como: a) realizar uma ação de contrabloqueio no atacante que realiza o bloqueio (FIGURA 2a), a qual exige dos defensores uma possível troca rápida de marcação; e b) reposicionar-se (defensor que sofre o bloqueio), aproximando-se do atacante em posse da bola (FIGURA 2b) para diminuir as possibilidades de ação desse, ou afastando-se de forma a colocar o pivô na sua frente e efetuar as devidas trocas de marcação (FIGURA 2c).

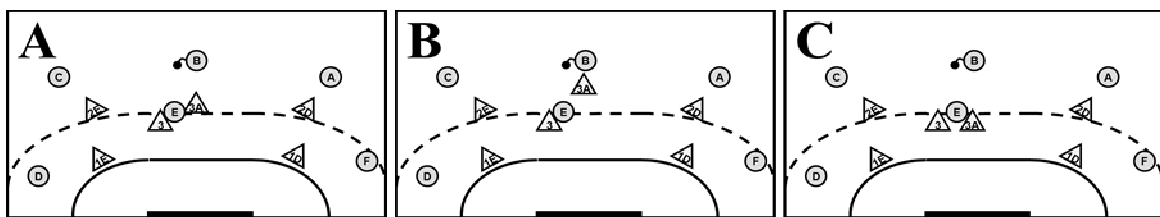


Figura 2: Em A: contrabloqueio realizado pelo defensor 3 no pivô (E), que realiza um bloqueio em 3A; em B: defensor 3A desloca-se para frente, com o intuito de livrar-se do bloqueio do pivô; em C: defensor 3A desloca-se para trás, colocando o pivô na sua frente.

Circulação do pivô na segunda linha defensiva:

A circulação do pivô na segunda linha defensiva tem sido uma opção tática muito utilizada atualmente pelos treinadores das equipes de handebol. Essa movimentação na aproximação do pivô em relação à linha de 9 metros (onde atua a segunda linha defensiva) para a recepção da bola e continuidade do jogo ofensivo ou, simplesmente, para mudar seu lado de atuação na quadra sem a recepção da bola. A circulação do pivô na segunda linha defensiva objetiva: a) chamar a atenção dos defensores em relação aos seus marcadores diretos; b) provocar falhas defensivas que possibilitem a produção de espaços para os demais atacantes; e c) dar continuidade ao jogo ofensivo em situações nas quais os demais atacantes estejam sendo marcados com grande proximidade em um sistema defensivo que apresenta ações ofensivas.

Frente às tentativas de infiltração (ou penetração) dos atacantes, os defensores deverão desenvolver a capacidade de comunicação e os diferentes elementos táticos, tais como a troca de marcação e os contrabloqueios. Essas características dos defensores conferem ao sistema defensivo uma flexibilidade (ou plasticidade) de modo que não permita a produção de espaços durante a mudança temporária de conformação e das responsabilidades individuais. Os espaços produzidos podem ser aproveitados para as penetrações dos atacantes, para as

mudanças de sistema ofensivo e para o desenvolvimento de diferentes elementos táticos ofensivos (individuais e coletivos).

De todas as combinações e possibilidades originárias da circulação do pivô na segunda linha defensiva, abordaremos as seguintes situações: circulação do pivô com a troca de lado (e atuação no setor ofensivo oposto) e a circulação do pivô sem a troca de lado (com o retorno para o mesmo setor ofensivo). Em ambas as situações citadas a circulação pode ser realizada com ou sem a recepção da bola pelo pivô e, para esta pesquisa em específico, não serão consideradas possíveis ações de bloqueios realizadas pelo pivô na segunda linha defensiva (na situação de circulação).

Na primeira situação, na qual a circulação do pivô é realizada com a troca de lado (mudança de setor ofensivo), a participação do pivô (E) objetiva a desocupação de uma determinada zona do setor defensivo (na qual o pivô estava posicionado anteriormente ao deslocamento) que pode ser ocupada por outro atacante (com ou sem a posse da bola), ou apenas para produzir espaços defensivos. No início do deslocamento (FIGURA 3a) o pivô se aproxima da linha de 9 metros para receber o passe do armador esquerdo (A). Nesse instante o defensor 3 o acompanha seu deslocamento em direção à segunda linha defensiva, para que o pivô tenha uma área restrita para o desenvolvimento de suas ações.

Ao receber a bola, o pivô poderá passá-la para o armador direito (C) ou para o armador central (B - situação representada abaixo), se deslocando em direção ao setor no qual atua o armador direito (“contornando” a linha de 9 metros). O defensor 3 se desloca em diagonal para a esquerda, na direção da linha de 6 metros, local que se apresenta como destino final de E (FIGURA 3b). Esse deslocamento do defensor 3 deve ser realizado da forma mais rápida possível, devido à possível produção de espaços provocada pelo deslocamento do pivô, além da possibilidade de criação de superioridade numérica ofensiva no setor esquerdo da quadra defensiva. Na Figura 3c está representado o final dessa movimentação, solucionada a partir da rápida ocupação espacial do defensor 3 e por possíveis comunicações realizadas em seu decorrer.

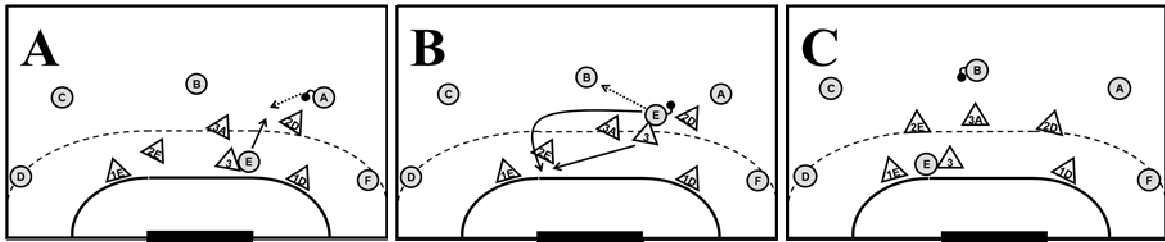


Figura 3: Em A: circulação do pivô para a recepção da bola; em B: deslocamento do pivô na segunda linha defensiva; em C: finalização da combinação ofensiva com êxito defensivo.

O objetivo do deslocamento do pivô, então, é atrair a atenção do defensor 3A (avançado, que acompanha esse por alguns instantes, mesmo que apenas mantenha o contato visual) e do defensor 3 (que o acompanha para a realização da marcação). O fato do pivô atrair a atenção de dois defensores de uma só vez pode gerar uma situação favorável aos atacantes, como um desequilíbrio no posicionamento de um dos defensores. Esse desequilíbrio pode provocar uma relação de superioridade numérica temporária (a partir da produção de novos espaços) causada pela não compreensão do cenário do jogo pelos defensores, e mesmo pela não realização (quando necessária) de elementos táticos defensivos individuais (como a flutuação e a dissuasão) e coletivos (como a basculação e a troca de marcação).

Na segunda situação, na qual a circulação do pivô é realizada sem a troca de lado (setor ofensivo), destacam-se como objetivos: a) o auxílio ao atacante em posse da bola; e b) a produção de espaços próximos à linha de 6 metros para que outros jogadores (como os pontas) possam aproveitar e dificultar a compreensão do cenário técnico-tático pelos defensores de ambas as linhas. Na Figura 4 está representado um esquema simples da região na qual o espaço é produzido.

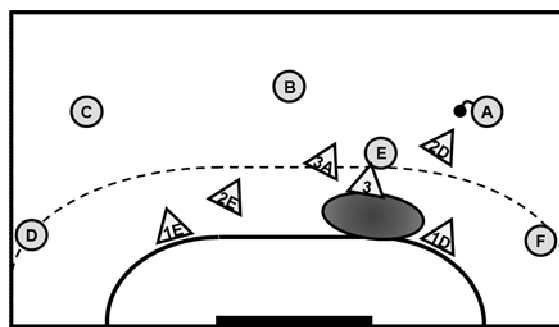


Figura 4: Possível espaço produzido pelo pivô na situação na qual este se desloca até a segunda linha defensiva.

Neste tipo de circulação, é seguida a mesma lógica adotada na circulação do pivô para a região oposta da quadra, sendo imprescindível a rápida comunicação entre os defensores da

primeira e segunda linhas. Outro ponto a ser destacado é a participação do defensor 1D na cobertura do espaço produzido, para dificultar ações como a infiltração do armador esquerdo (A), a circulação do ponta esquerda (F) ou mesmo a infiltração de jogadores do setor ofensivo direito (como o ponta - D -, e o armador - C).

O PROCESSO DE EAT DAS SITUAÇÕES APRESENTADAS

Antes de apresentar as atividades propostas para o aporte no processo de EAT do sistema defensivo 3:3 diante das situações apresentadas, torna-se necessária uma rápida apresentação dos métodos de ensino dos esportes coletivos. Cabe a ressalva de que serão apresentados três métodos, diante dos vários descritos na literatura, que são consolidados:^{9,13-15} o analítico-sintético, o global-funcional e o situacional.

O método analítico-sintético tem como premissa a aprendizagem da técnica desvinculada da tática, baseando-se na repetição e automatização de movimentos,¹⁶ no qual o jogo é fragmentado em partes cada vez menores (elementos técnicos).¹⁷ O ensino dos fundamentos é dado de forma repetitiva e descontextualizada das situações-problema impostas pelo jogo, no qual a prioridade está em “como fazer”, e muitas vezes se torna desmotivante para o aprendiz.¹⁴⁻¹⁵ Acredita-se, contudo, que a aprendizagem da técnica e um bom domínio desta seja um pré-requisito para o jogo formal.

O método global-funcional aponta para o ensino por meio de jogos, de forma a buscar uma valorização dos elementos táticos do jogo em detrimento de um método centrado apenas nos elementos técnicos.¹⁸ O jogo formal é concebido a partir da compreensão de estímulos e situações-problema baseadas em jogos de menor complexidade, nos quais estão presentes os aspectos lúdicos, técnicos, táticos e de regulamento.¹⁴⁻¹⁵ Esta abordagem considera que o aprendiz deva compreender a lógica do jogo, de forma ampla, que o permita transferir os elementos assimilados para outros JEC (capacidade esta denominada *transfert*).³ A partir das adaptações das regras desses jogos de menor complexidade é permitido o acesso aos conteúdos propostos, de modo a possibilitar ajustes graduais na sua complexidade para o desenvolvimento de novas habilidades.^{14-15, 19}

Já o método situacional baseia-se em situações reduzidas do jogo formal (como o 1x0, o 2x1, o 3x3, etc.), nas quais há a manutenção dos princípios e elementos desse.¹⁹ São aceitas, portanto, diversas soluções para uma mesma situação-problema e é esperado que o aprendiz

desenvolva um pensamento crítico diante dos cenários técnico-táticos apresentados,^{18, 20} sendo que o aprendiz deve buscar a inter-relação entre as capacidades técnicas, táticas e cognitivas para solucionar as situações-problema impostas pelo jogo.¹⁶ Neste método é possível o desenvolvimento concomitante das capacidades técnicas e táticas dos aprendizes.⁹

Método analítico-sintético:

De modo a contemplar o método analítico-sintético, são propostos quatro exercícios para que os defensores compreendam as possibilidades de deslocamentos, bem como de alguns cenários que podem se configurar ao longo do jogo.

O exercício 1 consiste apenas nos deslocamentos dos defensores da primeira linha, de modo a alcançarem a linha de 9 metros (tocando em algum objeto demarcatório, como um cone ou uma bola) e retornar para a linha dos 6 metros. Esse retorno poderá ocorrer do mesmo lado do qual se encontra o objeto demarcatório ou do lado oposto a esse (FIGURA 5).

- Variação 1: utilizar os diferentes setores da quadra (esquerdo direito e central).

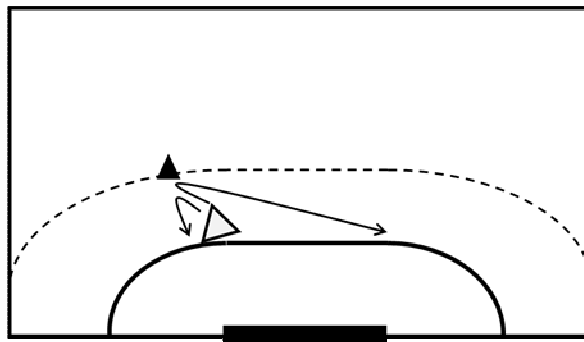


Figura 5: Deslocamento do defensor da primeira para a segunda linha defensiva, com retorno para o mesmo setor de saída ou para o setor oposto.

O exercício 2 consiste em um defensor posicionado na primeira linha e três defensores posicionados na segunda linha. Os atacantes ocupam os três postos específicos na primeira linha ofensiva (armadores) e um pivô. A dinâmica se dá a partir dos passes entre os armadores e, ao mesmo tempo, o defensor responsável pelo atacante em posse da bola flutua e os demais realizam a cobertura (FIGURA 6a). Quando a bola for passada para outro armador, o defensor que flutuou retorna para a cobertura, enquanto o marcador direto do armador que recebeu a bola flutua, e assim sucessivamente (FIGURA 6b). O marcador direto do pivô deve manter-se

na linha de passe entre o pivô (que pode movimentar-se livremente na região próxima à área) e o armador em posse de bola.

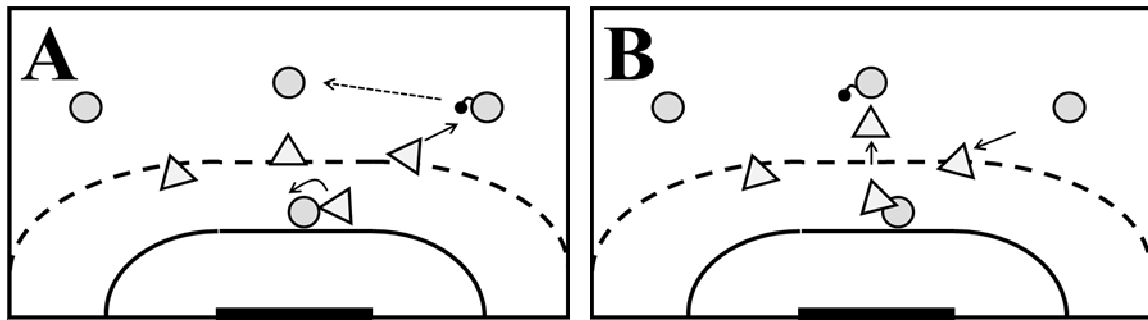


Figura 6: Esquema do exercício 2, com a movimentação dos defensores da primeira e segunda linhas.

O exercício 3 consiste em posicionar dois cones na linha da área, com distância aproximada de 5 metros entre eles. Um aluno (atacante) deverá correr na direção de um cone, receber a bola e girar para o arremesso. Após o arremesso, o atacante se dirige rapidamente ao outro cone e, ao receber a bola gira para arremessar. Ao mesmo tempo em que o atacante se desloca, um defensor deverá acompanhá-lo sem tentar recuperar a bola (FIGURA 7a). O objetivo para o defensor funda-se na sua capacidade de compreender possíveis deslocamentos do pivô.

- Variação 1: o pivô circula até a segunda linha defensiva e retorna ao mesmo setor de onde saiu, onde receberá a bola para o arremesso. Um defensor deve acompanhar esses deslocamentos (FIGURA 7b);
- Variação 2: o pivô circula até a segunda linha defensiva e retorna para o setor contrário de onde saiu, onde receberá a bola para o arremesso. Um defensor deve acompanhar esses deslocamentos (FIGURA 7c).

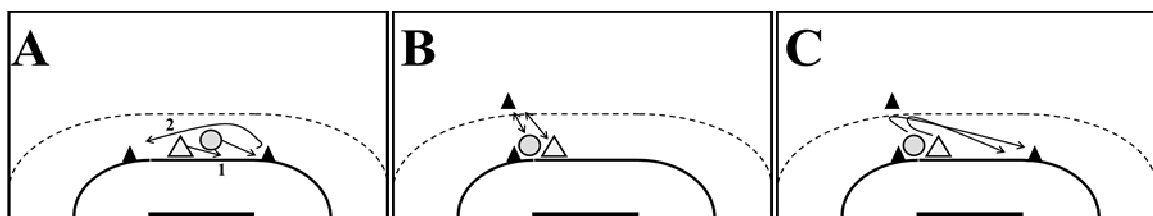


Figura 7: Esquema do exercício 3 na forma inicial (em A), da variação 1 (em B) e da variação 2 (em C).

No exercício 4 uma coluna é posicionada em uma das pontas e cada armador (esquerdo, central e direito) ocupa seu posto específico. O ponta passa a bola para o armador e ocupa

temporariamente o posto específico de pivô, no setor ofensivo oposto. Ao mesmo tempo, a bola circula pelos armadores, culminando no passe para que o ponta arremesse (no setor oposto ao qual ele iniciou seu deslocamento). Um defensor ocupa o posto específico de marcação direta desse ponta (1D ou 1E) e, após a execução do passe pelo ponta, esse deverá acompanhar o deslocamento do ponta até o setor contrário (FIGURA 8a). Objetiva-se, com este exercício, a familiarização com o deslizamento (elemento tático defensivo que busca evitar que um atacante fique livre de marcação após se deslocar atrás da segunda linha defensiva).

- Variação 1: acrescentar um pivô e seu respectivo marcador. Ao se aproximar do pivô, o marcador da ponta troca de marcação com o marcador do pivô (FIGURA 8b).

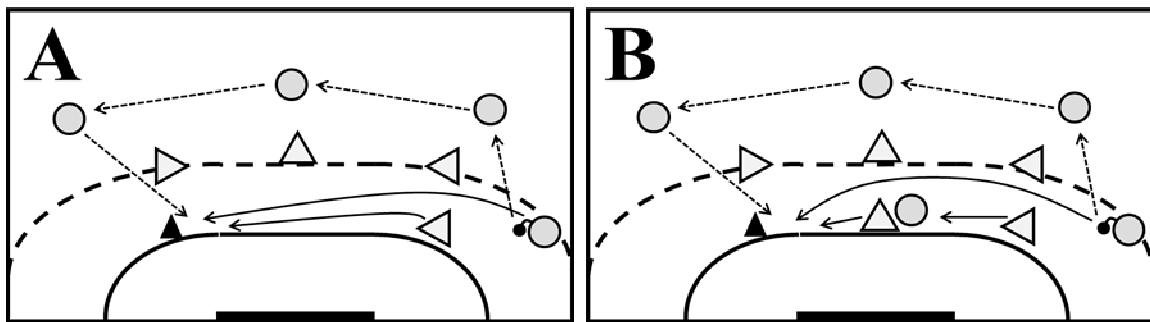


Figura 8: Esquema do exercício 4. Em A: deslizamento do defensor; em B: troca de marcação.

Método global-funcional:

Contemplando o método global-funcional, serão apresentadas três atividades que possuem objetivos de enfatizar tanto os elementos táticos defensivos individuais como os coletivos, necessários para o bom desenvolvimento do sistema defensivo 3:3 diante de ambas as situações apresentadas.

Na atividade 1 uma região da quadra será dividida em três setores (de aproximadamente 3 metros cada, em comprimento e largura), e em cada região haverá um defensor, enquanto os demais alunos posicionam-se em duas colunas no final do espaço de jogo (FIGURA 9a). A dinâmica consiste na saída de dois jogadores (um de cada coluna), sendo um deles o armador (que possuirá um colete pendurado no short) e o outro servindo como apoio (pivô). O objetivo ofensivo consiste em o armador atravessar as três regiões sem que o colete seja retirado, ao passo que o pivô tem como objetivo a execução dos bloqueios nos defensores para evitar os

deslocamentos desses. O objetivo defensivo passa a ser a recuperação do colete, ao mesmo tempo em que há a preocupação em se desvencilhar dos bloqueios do pivô. Os elementos táticos defensivos envolvidos nesta atividade são a flutuação e a marcação (individuais), assim como a necessidade de deslocar-se rapidamente em diferentes direções, de acordo com a necessidade imposta pelos atacantes.

Como variações possíveis desta atividade podemos propor:

- Variação 1: a região de jogo pode ser aumentada ou diminuída, de modo a fornecer diferentes parâmetros ao defensor;
- Variação 2: ao invés de o aluno sair da fila com um colete preso no short, ele deve sair driblando (o passe não é permitido), de maneira que o adversário não retome a posse;
- Variação 3: podem ser alteradas as relações numéricas entre atacantes e defensores, permitindo igualdades e superioridades numéricas defensivas, inclusive (FIGURA 9b).

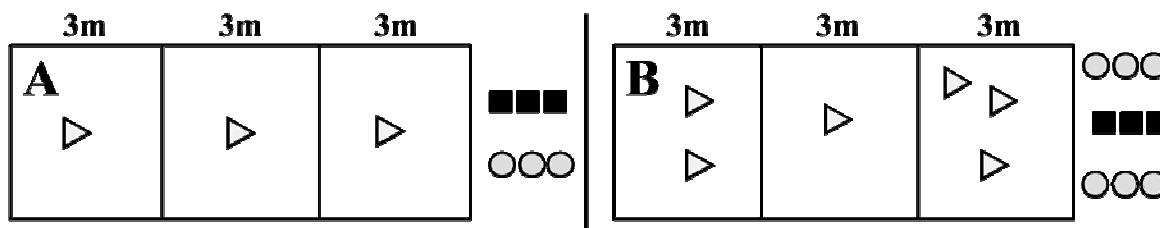


Figura 9: Atividade 1, com a apresentação da situação inicial (em A); e em B a representação da variação com desigualdades numéricas.

A segunda atividade é a brincadeira de “mãe da rua” com algumas adaptações. Três alunos (os pegadores) se posicionam na segunda linha defensiva, enquanto os demais alunos posicionam-se em três colunas (sendo cada uma dessas em um posto específico de armador). Os atacantes saem em trios, rapidamente, com o objetivo de ultrapassar a linha de 9 metros e chegar até a área. Cada atacante que for pego assume o posto de pegador no lugar daquele que o pegou (FIGURA 10a).

- Variação 1: haverá um jogador coringa se movimentando no espaço dos pegadores (semelhante ao pivô), com o objetivo de bloquear os defensores para facilitar a passagem dos armadores (FIGURA 10b). Posteriormente o número de coringas poderia ser incrementado para dois (FIGURA 10c).

- Variação 2: os armadores fazem todo o seu deslocamento com uma bola, driblando-a até chegar à área (sem deixar que o defensor recupere). Os defensores devem objetivar a recuperação da posse da bola;
- Variação 3: alterar a região da quadra, como o jogo no setor esquerdo ou direito.

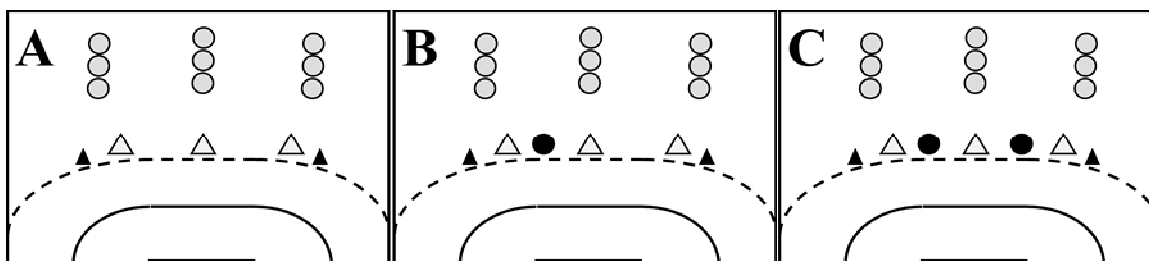


Figura 10: Esquema da segunda atividade. Em A: proposta inicial (sem coringas); em B: variação com um coringa; em C: variação com dois coringas.

A terceira atividade proposta para o método global-funcional é conhecida popularmente como “gato e rato”, porém com algumas adaptações. Será utilizado um círculo demarcado na quadra (ou mesmo um círculo imaginário) no qual alguns alunos se posicionarão no seu contorno (e não no seu centro), de forma que haja um espaço razoável entre esses. A dinâmica da atividade consiste em um pegador (gato) e um fugitivo (rato), iniciando-se com o rato dentro do círculo e o gato fora dele (FIGURA 11a). O objetivo do gato é o de pegar o rato e, ao mesmo tempo, os alunos que estão no círculo deverão dificultar a entrada do gato a partir dos seus deslocamentos. Desta forma, espera-se que os defensores do rato trabalhem o elemento de marcação em proximidade (e por contato), além dos possíveis deslocamentos para a cobertura dos companheiros.

- Variação 1: colocar dois gatos e um rato, de forma a aumentar o grau de dificuldade para os alunos que estão no círculo;
- Variação 2: colocar um ‘facilitador’ para os gatos, posicionado dentro do círculo (que não poderá pegar o rato e sequer impedir seus deslocamentos), para bloquear os alunos que estão no círculo. A partir dos bloqueios desse facilitador, espera-se que os jogadores do círculo visualizem a utilização dos contrabloqueios (FIGURA 11b).

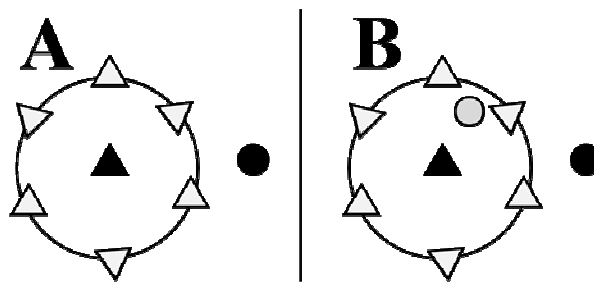


Figura 11: Representação do “gato e rato”. Em A: o rato é representado pelo triângulo preto, enquanto o gato é representado pelo círculo preto; em B: presença do ‘facilitador’ (círculo cinza).

Método situacional:

Com vistas a contemplar o método situacional, serão apresentadas 3 possibilidades pedagógicas mantendo a estrutura do jogo formal, porém em situação com número reduzido de jogadores, de modo a enfatizar o posicionamento enquanto sistema defensivo 3:3 e a abordagem dos elementos táticos individuais e coletivos.

A situação 1 é composta por dois defensores e dois atacantes (2x2) em uma área delimitada para o arremesso, na qual forma-se uma coluna na região central da quadra com os armadores e o posto específico de pivô é ocupado previamente (FIGURA 12a). Um dos defensores posiciona-se inicialmente na linha de 9 metros e outro na linha de 6 metros. O armador, em posse da bola, inicia seu deslocamento driblando em direção à defesa, de modo que consiga perceber o deslocamento do pivô. O pivô realizará um bloqueio no defensor da segunda linha (em qualquer um dos lados), para que o armador possa aproveitá-lo (FIGURA 12b). Ao passar pelo bloqueio o armador poderá continuar a sua progressão ou, ainda, passar a bola para o pivô (que retornará rapidamente para a linha dos 6 metros) (FIGURA 12c). Os objetivos dos defensores centram-se na comunicação eficiente (dada pelo defensor da primeira linha que acompanhará o deslocamento do pivô) e apontam como principais elementos táticos a marcação, a cobertura, a troca de marcação e o contrabloqueio. Exige-se dos atacantes a utilização do bloqueio, bem como a rápida resolução da situação-problema apresentada, que podem finalizar a qualquer instante.

- Variação 1: ao invés do armador iniciar driblando, ele receberá o passe de um armador que não poderá fazer o gol (somente apoio). Esta situação, sem drible, se aproxima ainda mais do contexto do jogo;
- Variação 2: ao invés de realizar na região central da quadra, utilizar também os setores direito e esquerdo;

- Variação 3: priorizar a situação de 3x3, na qual a distribuição defensiva se dá com um defensor na primeira linha e dois defensores na segunda linha, enquanto a distribuição ofensiva se dá com dois armadores e um pivô.

○

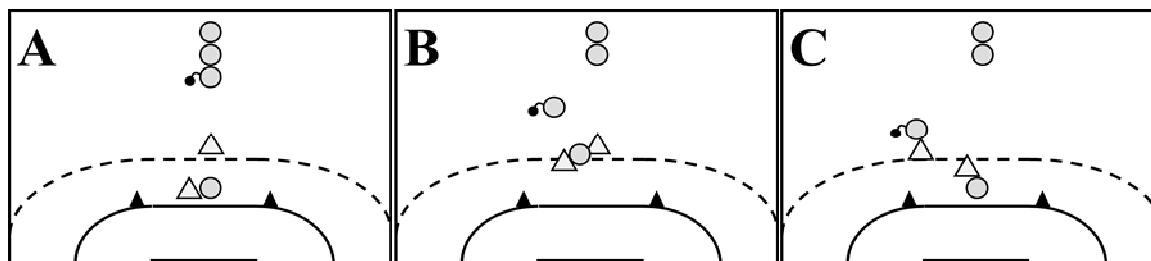


Figura 12: Em A: Situação inicial de 2x2, com um defensor na primeira e outro na segunda linha defensiva; em B: bloqueio do pivô e contrabloqueio do defensor da primeira linha; em C: instante final com o retorno do pivô para seu posto específico e troca de marcação pelos defensores.

Na situação 2 os alunos serão divididos em quartetos. Joga-se, em metade da quadra, na situação de 4x4, com um defensor na primeira linha e três defensores na segunda linha, enquanto os atacantes ocupam os três postos da armação (primeira linha ofensiva) e o pivô. Os atacantes vencem esse embate ao marcar o gol, já os defensores saem vitoriosos com a recuperação da posse da bola, ou se houver uma defesa do goleiro ou, ainda, se a bola sair da quadra de jogo. A equipe vencedora sai rapidamente em contra-ataque para o outro lado da quadra, onde estará posicionado outro quarteto para defender, conforme representado na Figura 13.

- Variação 1: pode ser alterado o setor de onde os arremessos são permitidos;
- Variação 2: os atacantes podem atuar em um sistema ofensivo diferente, como a opção com dois pivôs;
- Variação 3: podem ser alteradas as relações numéricas entre as equipes (3x3, 4x3, 5x4, 5x5 etc.).

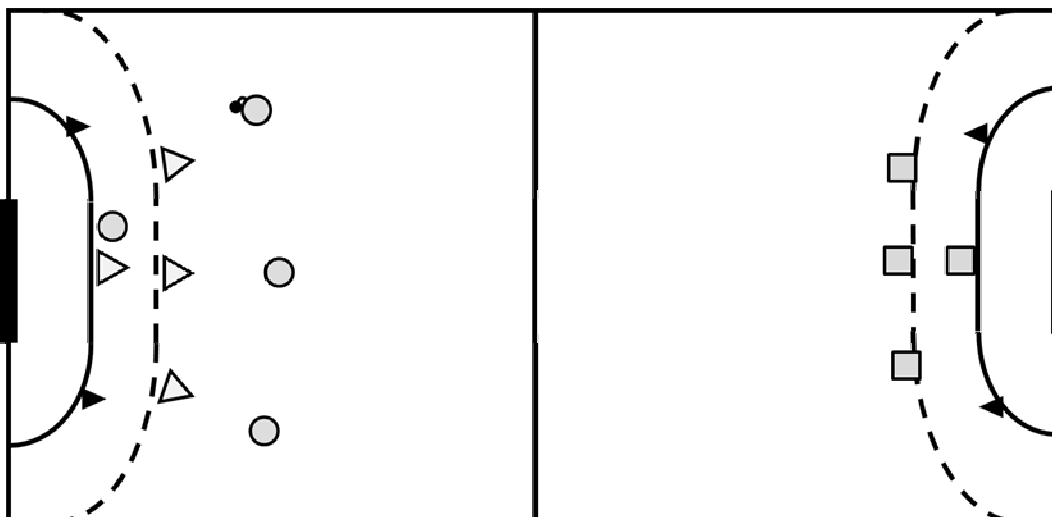


Figura 13: Situação inicial do jogo 4x4 em quadra inteira, com permissão de arremesso na zona central.

A situação 3 será composta por três defensores e quatro atacantes e será utilizado somente um lado da quadra (direito ou esquerdo). Os defensores serão dispostos, um na posição 1 na linha dos 6 metros, outro na posição 2 na linha dos 9 metros e outro na posição 3 na linha dos 6 metros, os jogadores do ataque serão o ponta (direito ou esquerdo), o armador (direito ou esquerdo), o armador central e o pivô (como representado na FIGURA 14). O ataque deve trabalhar a bola, se utilizando do engajamento e infiltrações para se favorecer da superioridade numérica imposta, já a defesa deve buscar rapidamente as coberturas, além de uma comunicação eficaz, de forma a dificultar os arremessos da zona central da quadra.

- Variação 1: trocar o setor ofensivo, de forma a proporcionar uma adaptação dos jogadores a diferentes setores da quadra;
- Variação 2: não permitir a finalização do armador central, que nesta variação servirá como apoio aos demais atacantes, se assemelhando à situação de igualdade numérica;
- Variação 3: mudança na relação numérica (de 3x3 para 4x4), aumentando a dificuldade para os atacantes e, ao mesmo tempo, visando consolidar as duas linhas do sistema defensivo.

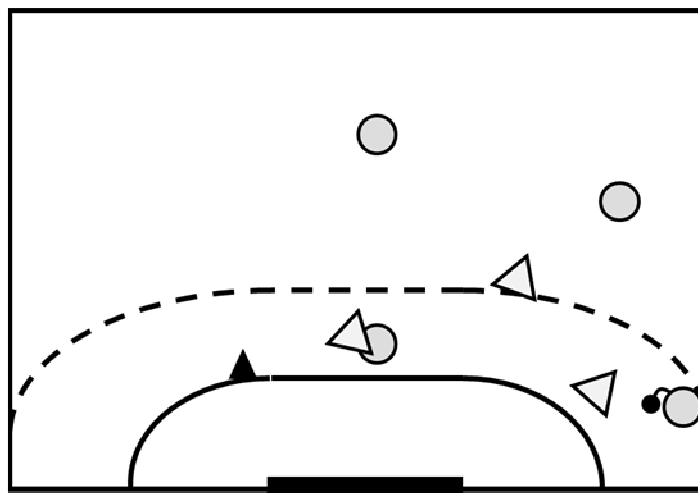


Figura 14: Situação inicial de 4x3, utilizando-se do setor defensivo direito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender as diferentes situações-problema em um esporte complexo e dinâmico como o handebol passa a ser um desafio para os técnicos e jogadores. As mudanças repentinas nas relações técnico-táticas entre atacantes e defensores possuem uma íntima relação com a necessidade de se buscar as vantagens espaciais, numéricas e, por fim, situacionais. Do mesmo modo pelo qual os atacantes buscam a produção e a ocupação de espaços, como a partir dos deslocamentos e dos bloqueios, os defensores visam a minimização desse cenário a partir da tentativa de ocupação antecipada dos espaços.

Baseando-se na premissa da disputa por melhores regiões e melhores condições no cenário complexo do jogo, justifica-se adotar diferentes métodos para o balizamento do processo de EAT no handebol. A apresentação das variações do sistema defensivo 3:3 diante das diferentes possibilidades de jogo do pivô permitiu apontar alternativas baseadas nos métodos analítico-sintético, global-funcional e situacional para ampliar o repertório de soluções (motoras e cognitivas) para as situações-problema apresentadas.

Entende-se, portanto, que a variabilidade de estímulos durante as diferentes etapas do processo de EAT é imprescindível para que o aprendiz possa compreender o jogo em suas diferentes nuances e, ainda, que possa intervir de forma inteligente e contextualizada. É importante romper com o tradicional mecanicismo do ensino viabilizado exclusivamente a partir de exercícios analíticos,²¹ porém não se pode negar a importância desse método. As

formas de ensino a partir das brincadeiras e das situações de jogo apresentam ao aprendiz uma complexidade maior em relação às três capacidades de jogo (percepção, antecipação e tomada de decisão),⁸ semelhantes ao cenário técnico-tático configurado no jogo formal.

Sendo assim, justifica-se a apresentação de diferentes situações-problema do jogo, em específico nesta pesquisa relacionadas à relação entre o sistema defensivo 3:3 e algumas ações do pivô, de maneira que o processo de EAT seja enriquecido com novas experiências que estão totalmente relacionadas com o complexo contexto do jogo.

REFERÊNCIAS

¹GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Org.). **O ensino dos jogos desportivos**. 3. ed. Porto: Universidade do Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, 1998. p.11-26.

²MENEZES, R. P. Contribuições da concepção dos fenômenos complexos para o ensino dos esportes coletivos. **Motriz**, Rio Claro, v.18, n.1, p. 34-41, 2012.

³BAYER, C. **O ensino dos desportos coletivos**. Lisboa: Dinalivro, 1994.

⁴FERNÁNDEZ ROMERO, J.J. et al. **Balonmán: manual básico**. Santiago: Edicións Lea, 1999.

⁵MENEZES, R. P. **Modelo de análise técnico-tática do jogo de handebol: necessidades, perspectivas e implicações de um modelo de interpretação das situações de jogo em tempo real**. 2011. 303 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

⁶ANTÓN GARCÍA, J. L. **Balonmano: táctica grupal ofensiva, concepto, estructura y metodología**. Madrid: Gymnos Editorial, 1998.

⁷OLIVER CORONADO, J. F.; SOSA GONZÁLEZ, P. I. **La actividad física y deportiva extraescolar en los centros educativos: balonmano**. Barcelona: Ministerio de Educación y Cultura: Consejo Superior de Deportes, 1996.

⁸MATIAS, C. J. A. S.; GRECO, P. J. Cognição e ação nos jogos esportivos coletivos. **Ciências & Cognição**, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p. 252-271, 2010.

⁹GRECO, P. J. Métodos de ensino-aprendizagem-treinamento nos jogos esportivos coletivos. In: GARCIA, E.; LEMOS, K. **Temas atuais VI em educação física e esportes**. Belo Horizonte: Health., 2001. p. 48-72.

¹⁰GUTIÉRREZ AGUILAR, O.; FÉREZ RUBIO, J. A. Cuantificación y valoración de la eficacia de los sistemas defensivos empleados en el marco situacional de igualdad numérica en los equipos de balonmano de alto nivel. **Kronos**, v. 8, n.14, p.113-116, 2009.

¹¹SIMÕES, A. C. **Handebol defensivo: conceitos técnicos e táticos**. São Paulo: Phorte, 2002.

¹²MELLENDEZ-FALKOWSKI, M. M.; ENRIQUEZ-FERNÁNDEZ, E. **Los sistemas de juego defensivos**. Madrid: Editorial Esteban Sanz Martinez, 1988.

¹³DIETRICH, K.; DÜRRWÄCHTER, G.; SCHALLER, H. J. **Os grandes jogos**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2005.

¹⁴MENEZES, R. P.; MARQUES, R. F. R.; NUNOMURA, M. Especialização esportiva precoce e o ensino dos jogos coletivos de invasão. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n.1, p. 351-373, 2014.

¹⁵GALATTI, L. R.; PAES, R. R. Pedagogia do esporte e a aplicação das teorias acerca dos jogos esportivos coletivos em escolas de esportes: o caso de um clube privado de Campinas-SP. **Conexões**, Campinas, v. 5, n. 2, p. 31-44, 2007.

¹⁶GRECO, P. J. (Org.). **Iniciação esportiva universal 2: metodologia da iniciação na escola e no clube**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

¹⁷PAULA, P. F. A.; GRECO, P. J.; SOUZA, P. R. C. Tática e processos cognitivos subjacentes à tomada de decisão nos jogos esportivos coletivos. In: GARCIA, E. S.; LEMOS,

K. L. M. **Temas Atuais V em Educação Física e Esportes**. Belo Horizonte: Health, 2000. p.11-27.

¹⁸MEMMERT, D.; HARVEY, S. Identification of non-specific tactical tasks in invasion games. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v.15, n. 3, p. 287-305, 2010.

¹⁹MENEZES, R. P.; SOUSA, M. S. S.; BRAGA, J. W. C. Processo de ensino-aprendizagem-treinamento de handebol para a categoria mirim em instituições não-formais de ensino: concepções e metodologias. **Conexões**, Campinas, v. 9, n. 2, p. 49-69, 2011.

²⁰RICCI, G. S. et al. Avaliação da aprendizagem do handebol por jovens entre 11 e 14 anos a partir do método situacional. **Pensar a Prática**, Goiânia, v.14, n.1, p.1-18, 2011.

²¹LAGO PEÑAS, C.; LÓPEZ GRAÑA, M. P. El proceso de iniciación deportiva en el balonmano: secuenciación de los contenidos técnico-tácticos. Asociación de Entrenadores de Balonmano. **Comunicación Técnica** 210, p.1-16, 2001.

Recebido em: 13 jun. 2014
Aceito em: 15 dez. 2014
Contato: rafaelpombo@usp.br